

Hernâni Donato (*)

A Revolução Liberal na Botucatu de 1842 ()**

(*) Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, membro da Academia Paulista de História e do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

(**) Artigo publicado no Jornal Gazeta de Botucatu em 14/4/1991.

À memória de Sebastião de Almeida Pinto, evocando a alegria e a persistência com que ele cronicou sobre o passado da sua terra natal.

ABSTRACT

The author sketches briefly features of Botucatu in 1842 and the situation of liberal and conservative people in that village. He describes in details the welcome of the fugitive from the Liberal Revolution in São Paulo and Minas Gerais and positive and negative consequences which gave Botucatu, for a long time, the epithet of "the land of the brave".

RESUMO

O Autor elabora, em rápidos traços, o perfil de Botucatu de 1842 e demonstra a situação de liberais e conservadores nessa Vila. Descreve com pormenores a acolhida dos fugitivos da Revolta Liberal de São Paulo e Minas Gerais e as conseqüências positivas e negativas, as quais deram a Botucatu, por muito tempo, o epíteto de "terra de valentões".

O tempo, a terra, a gente

Junho de 1840 foi uma daquelas vezes em que o Brasil promete mudar e recomeçar. Um golpe ministerial fez do menino Pedro de Alcântara o segundo imperador. Estava encerrado o conflituoso período regencial, mas não o das lutas entre os Partidos Conservador e Liberal nas antecâmaras, nos plenários, nos jornais, nas praças.

Essa animosidade irradiava-se, repercutia. Chegava a Botucatu, aglomerado de mais ou menos setenta ranchos ao redor de humílima capela. Reuniria duzentas pessoas. O memorialista Barbosa de Carvalho, que faleceu (1910) no bairro do Lavapés afirmando haver ali nascido noventa anos antes, informou sobre aproximadamente outras cem criaturas "pelos sítios, pelos arrabaldes... posseiros". No máximo, trezentos moradores.

E que gente seria essa? Está descrita no discurso de Gomes Pinheiro, pronunciado só um pouco mais tarde (15/10/1845) na câmara de Itapetininga: "gente rude, de pouca ou nenhuma obediência às autoridades, em grande parte criminosos que pendem para este lugar, por não haver aí autoridade suficiente para corrigi-los; e nem ao menos os inspetores têm força para dar cumprimento às ordens dos magistrados..." Admite-se que o orador, generalizando, tenha exagerado. Justifica-se: vivia fase de confronto com o clã dominante, a família mineira dos Costa. No geral, pintou retrato reconhecível.

Do que vivia aquele povo? Basicamente, do comércio clandestino de muares trazidos do sul por desvios da estrada real. Das invernadas do alto da serra onde se recompunham da longa travessia desde a Argentina e o Rio Grande, os animais eram expedidos para Minas Gerais, Bahia, Nordeste. No habitado serrano, os lotes mudavam de proprietários. Ali se fixavam compradores descidos de Minas. Dali voltavam tropeiros paulistas e sulinos. Destes e daqueles, um e outro ficavam, estabeleciam-se. Assim foi se formando a vila, embrionária a partir de 1820.

A Revolta Liberal

Aconteceu que o governo conservador tomava medidas consideradas insuportáveis pelos liberais: dissolução da Câmara dos Deputados, restauração do Conselho de Estado, reforma do Código Penal. Sem voz parlamentar, agitaram a imprensa, os clubes políticos, as ruas. Reprimidos, tomaram armas em São Paulo e Minas Gerais.

A 17/5/1842 a Câmara de Sorocaba tornou-se o centro da revolta paulista com Tobias de Aguiar e o Pe. Feijó à frente. Cidades aderiram. Destacamentos foram expedidos na direção da capital e de Campinas.

Em Botucatu

Com poucos dias, a notícia do levante terá chegado ao alto da serra. Fossem quantos fossem, os liberais quiseram fazer a sua parte. Para eles, ali e então, revoltar-se significava investir a estrutura do poder dos Costa.

O chefe deles era Eusébio, sucedendo o irmão, Joaquim, falecido no ano anterior. Eusébio parece nada ter possuído de um político. A crônica dos seus dias e feitos registra menos habilidades e complacências do que estripulias de façanhudo atrevido. Mas era o chefe. É, pois, o Eusébio, que os liberais vão prender. Ele detido, estaria o vilarejo dominado pela Revolta. Foi o que fizeram.

Não há informes sobre a partida de combatentes para engrossar as colunas em marcha. Ficaram custodiando Eusébio (talvez mais alguns expoentes conservadores) e aguardando notícias. As que chegaram foram todas ruins: debandada vergonhosa da força enviada para tomar a capital, no Jaguaré, depois de alguns poucos tiros; derrota esmagadora (7/6) na Venda Grande, diante de Campinas; acesso livre do Barão de Caxias sobre a cidade de Sorocaba. A guerra liberal, na província, perdida; também em Botucatu, e mesmo antes do evento campineiro, pois sucedeu que outro caudilho, conservador e da têmpera de Eusébio, igualmente vindo de Minas (embora carioca de nascimento), José Teodoro, entrou no ranchario com um séquito armado, dominou os liberais surpreendidos, libertou o prisioneiro, devolveu a situação ao domínio dos Costa.

Conseqüências

Caxias, bom sabedor das coisas da política e da guerra, retardou a sua entrada em Sorocaba. Tinha por certo que em futuro

próximo os liberais seriam governo e os vencedores daquele dia seriam oposição. Deu tempo a que os chefes da rebelião se pusessem a salvo. Fizeram-no, em revoada. Uns, tomando o rumo sul, no rastro de Tobias. Outros, a direção oeste, a do áspero porém seguro "sertão de Botucatu".

José Gomes Pinheiro foi um dos que mudaram de ares. Sob ameaça de prisão e processo, trocou Itapetininga pela fazenda Monte Alegre, à espera da anistia (a qual seria concedida em 14/3/1844).

O fluxo de foragidos acarretou à região conseqüências boas e más. Boa, entre outras, a vinda de Vitoriano de Souza Rocha. Conforme o dizer de Licurgo de Castro Santos Filho ("O desventurado Boaventura do Amaral e o combate da Venda Grande"), Vitoriano "correu bastante e refugiou-se no "sertão de Botucatu". Ali, em 1861, fundou Avaré". Chegaram também mineiros liberais, tangidos pela repressão em sua província.

Mas as conseqüências negativas mostraram-se com maior evidência: outra onda de migrantes, menor em número, maior em dramaticidade, acometeu o arraial. Trouxe profissionais da violência, homens comprometidos em represálias, vinganças facilitadas pelo esconde-e-pegar do fim da guerra dos liberais, com maior assiduidade, praticadas em Minas. Tais indivíduos cometiam por lá os seus malfeitos e se abalavam para Botucatu onde os conservadores os acolhiam e preservavam. Em denúncia de Gomes Pinheiro, tão logo retornado à vereança, a situação foi assim descrita: "aventureiros de Minas e Franca ali se estabelecem e quando se quer um assassino para matar o próximo lá se vai buscar".

Alguns daqueles facínoras ganharam notoriedade particular. A exemplo de Baltasar Pereira da Silva. No começo de 1843, em Pouso Alegre, matou o senador liberal Pe. José Bento. Liberal derrotado, vá lá, porém sempre um senador. A repercussão alcançou comover o governo imperial que ensaiou providências. O matador safou-se tomando o velho caminho das tropas e vindo pôr-se sob a proteção de Eusébio Costa. E não foi só. No ano seguinte, já de novo instalados no poder, os liberais promoveram prestação geral de contas. Mandou-se prender Baltasar entregando a perigosa tarefa ao famoso policial Manuel Antônio. Este apresentou-se, devidamente escoltado, deu voz de prisão, amarrou o Baltasar, passou-lhe corda ao pescoço e iniciou a viagem de volta. No primeiro socavão da descida da serra saltaram-lhe em cima do Eusébio e mais dois homens, moços nos quais a voz pública reconhecia os

seus sobrinhos (filhos, diziam alguns) Luis e Agostinho. Imobilizaram os policiais, soltaram o Baltasar, entraram com ele, em ostentoso triunfo, no seu feudo. Somente trinta e três anos mais tarde, já no sertão de Piraju, para onde emigrara ao fim do domínio dos Costa em Botucatu, é que o Baltasar foi preso, pois até 1847, o Eusébio fez das suas extravagâncias.

Outro dos mais tristemente notórios entre os homiziados no alto da serra chamou-se Domingos Negrão. Ao rol de crimes praticados em Minas cresceu o horror daquele cometido em Guareí, repudiado até pelos conservadores esclarecidos. Matou o festejado chefe liberal Américo Aires do Amaral, primo-irmão do brigadeiro Tobias e Presidente da Câmara revolucionária de Sorocaba. Decididos a eliminá-lo, desafetos políticos despacharam emissários a Botucatu a fim de empreitar o Negrão. A 13/8/1843, de tocaia, no Guareí espingardeou o Américo.

A grita levantada por essa e outras mortes ecoou longe e alto. Pussem fim àquele "viveiro de assassinos". Uma das medidas apontadas para tal saneamento seria a de atribuir ao lugar a situação de Freguesia. Com esse estatuto passaria a residir em Botucatu um juiz de paz apoiado por um cabo e três soldados da polícia. O suficiente, talvez, para moderar a atividade dos matadores. Tratou-se, com especial entusiasmo no próprio local, de conquistar a freguesia. Concorreram para tanto as doações de terras, necessárias ao patrimônio, feitas, a seu tempo e verbalmente, por Joaquim Costa, e posteriormente, em cartório, por Gomes Pinheiro. As doações concluíram a demanda entre ambos.

Além do esforço pós-freguesia, os tempos mudavam. O negócio de muares clandestinos diminuía, ou pela menor procura nos mercados do norte ou por haver o governo instalado um posto de vigilância e controle nas aforas do povoado. Com isto e aquilo, os Costa perdiam influência. Logo mais desapareceriam na região entre Piraju e Fartura para onde os atraía José Teodoro, espécie de monarca naquela área. As mesmas causas econômicas e talvez outras teriam aconselhado Gomes Pinheiro a vender as fazendas Pedras e Capão Bonito (o bairro de Rubião Júnior).

Novos líderes eram o fazendeiro Felisberto Machado e o João Cruz Pereira, posseiro nas vizinhanças da capela. Empreendedor, empolgou as atividades do tropeirismo, parte do comércio, dividiu com o Machado a condução da campanha pela freguesia, porém disputou com ele o local onde erigir a capela nova. O progresso

urbano iria onde ela estivesse. Machado começou a construí-la a meio espigão, provável cruzamento das ruas João Passos e Moraes Barros. Cruz Pereira elegeu o ponto tradicional. E fez mais para garantir sucesso ao seu projeto: de cada lado da capela construiu três casas para alojar seu pessoal e para alugar. Casas de madeira cobertas de telhas. Telhas fabricadas ali pertinho, na várzea do Ribeirão do Patrimônio (Lavapês). Mas, juntos abriram a rua do Comércio, depois do Riachuelo, depois novamente, do Comércio, e hoje, Armando de Barros. Durante pelo menos vinte anos o João e o Felisberto dividiram os principais postos de mando na vila. Daí o Barbosa de Carvalho, que de certo transmitia certezas ouvidas na infância, considerar aqueles dois como os fundadores da cidade, a qual, à volta de 1850, tomava aspecto e ânimo de centro agrícola.

Contudo, teimosamente, o registro de animais, destinado a coibir o tropeirismo de contrabando, resistiu ainda quase cinquenta anos. Quase o mesmo tempo durante o qual persistiu a fama de "terra de velentões". Essas circunstâncias devem ter algum significado.